

A música negra e os seus elementos musicais

pelo

P. Manuel Valença O. F. M.

Como todos sabem podem-se considerar nos sons musicais quatro características fundamentais: a altura de som, a sua intensidade, a sua duração e o timbre. Observando a música vocal e instrumental cultivada pelas raças negras, através de estudos teóricos, transcrições musicais e a observação pessoal, somos levados às conclusões, que vamos procurar expor em palavras simples.

Na música negra a *extensão* entre a nota mais grave e a mais aguda, geralmente, não excede os limites da voz humana normal, isto é, sem os aperfeiçoamentos da escola de canto. Desconhece ou não aproveita os sons mais graves e os agudíssimos em uso na música europeia.

Quanto à *intensidade*, na música vocal, vai desde o murmúrio íntimo, quase inaudível, à exaltação dos gritos selváticos. O aumento ou diminuição progressiva de intensidade, aquele jogo delicado de claro-escuro sombreando artisticamente a tessitura musical, são coisas — quanto eu pude observar — desconhecidas na música espontânea dos povos africanos. Os grandes contrastes dominam a música negra. Ora explode em gritos, ora se some no meio dos ruídos percutidos com os tambores, com os pés e com as mãos, ora se mantém uniformemente ao largo de toda a peça. Muitas vezes os contrastes de intensidade são obtidos por sobreposição ou ajuntamento de vozes. A um grupo de solistas responde a massa poderosa dos cantores ou dos instrumentistas.

É de notar que a potência sonora ou volume de som dos instrumentos usados pelos negros é bastante diminuta. Os vários ruídos, sobretudo dos tambores, chegam a dominar e absorver

todo o som das vozes quando a melodia é cantada por mulheres solistas. A melodia só pode ser seguida, nestes casos, por quem a conhece de cor.

Das variantes da *duração* do som e da sua combinação resulta o ritmo. Este aspecto, na música negra, sobreleva aos demais. Dos três elementos musicais supracitados é a duração, ou o ritmo, que mais caracteriza esta música. Nem admira, visto que anda geralmente, os mesmo sempre, aliada à dança e ao trabalho. Se é assobiada ou cantada pela rua fora, o executante está recordando os passos e esboçando, com os meneios do corpo, as evoluções da dança no batuque sertanejo. E com que saudade o faz!

Os ritmos não são muito variados, embora pareçam. Raramente se regista um ritmo ternário. Entre trinta e cinco melodias por mim recolhidas apenas cinco têm compasso ternário, e duas dessas canções foram certamente inspiradas no folclore português. Anotei uma com ritmo composto, que revela notáveis qualidades de musicalidade.

Os *andamentos* são caracterizados pela vivacidade. O preto é um ser descuidado e alegre. Só está triste se tiver fome, ou outra necessidade fisiológica premente. Nas músicas por mim recolhidas o *Allegro* é o andamento preferido.

Por vezes na música instrumental de dança o movimento acelera um pouco, à medida que se repete, mas não é muito sensível a aceleração. Porém, o dançarino-guia leva a aceleração dos seus movimentos até ao frenesi.

É no trabalho que se observam os movimentos mais vagarosos. Há um guia, solista, que dá o movimento à canção, e os trabalhadores fazem contrapontos curiosos, acentuando o tempo em que se executa o impulso da energia. O guia termina a cantilena e os operários descansam por um espaço, duplo ou triplo do que empregam naquela parte da tarefa. Os marinheiros dos bate-lões cantam enquanto dura a travessia. Nos outros trabalhos, quanto mais rápido é o movimento, tanto mais curta é a duração da cantilena.

A respeito do *timbre*, que se poderia designar como a cor do som, espero fazer leves referências no decurso destas divagações sobre a música africana.